

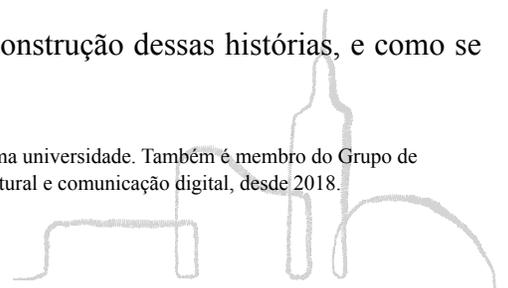
VESTÍGIOS VESTÍVEIS: A NARRAÇÃO EM INSTALAÇÕES DE VERA CHAVES BARCELLOS

Marczak, Fernanda; Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, marczakfernanda@gmail.com¹

A partir do final dos anos 1980, Vera Chaves Barcellos (Porto Alegre, 1938) começa a explorar a linguagem de instalação em sua produção (Carvalho, 2005). Nos trabalhos "O que restou da passagem do anjo" (1993) e "Le revers du rêveur" (1999) a artista alia às sequências de fotografias, marca registrada em sua trajetória, a exibição de placas de textos e objetos diversos, que referenciam os corpos retratados nas imagens produzidas. Isso possibilita a criação de uma atmosfera fabulosa e de uma narrativa ficcional da suposta presença dos corpos no espaço expositivo. Dentre esses objetos, estão elementos vestíveis, essenciais para a construção dessas histórias, pois são eles que evocam a passagem desses corpos, pela relação intrínseca existente entre corpo e veste (Acom, 2021) - como vestígios deixados no espaço. A partir de Benjamin (1987), se propõe colocar Chaves Barcellos no lugar de narradora, que expõe narrativas com seus trabalhos, ao mesmo tempo que narra um contexto contemporâneo da arte, ao explorar diversas linguagens. A artista permite que o espectador, que assiste à elaboração de tal conto impossível, possa fabular sobre essas histórias e completar ele mesmo o trabalho (Soulages, 2007), criando um elo entre o narrador de Benjamin e o artista contemporâneo. Nesse jogo narrativo, o narrador deixa vestígios de histórias, defendidos no trabalho a partir de três categorias encontradas nas obras de Chaves Barcellos: vestígios fotográficos, vestígios no espaço e vestígios de palavra, que contemplam as diversas faces do trabalho da artista - fotografia, instalação e texto (Schenkel, 2011).

Os vestígios, rastros deixados por uma história, são deixados, neste caso, por um corpo. A pesquisa se foca em explorar o papel dos elementos vestíveis das instalações para a construção dessas histórias, e como se

¹ Mestranda em história, teoria e crítica de arte no PPGAV-UFRGS e graduada em Relações Públicas pela mesma universidade. Também é membro do Grupo de Pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda, desde 2019. Profissionalmente, atua nas áreas de produção cultural e comunicação digital, desde 2018.



tornam rastros das mesmas. Junta-se, então, o conceito de reminiscência, proposto por Benjamin ao pensar nesses vestígios de narração, com o mesmo conceito trabalhado por Didi-Huberman (2016) ao indagar sobre os trapos da Ninfa: a Ninfa esteve onde as vestes estão. As vestes, assim, são os pedaços da memória, que retratam e retomam os corpos, mas também a própria narrativa contemporânea. Associado ao seu trabalho de fotoperformance presente nos trabalhos, Vera Chaves Barcellos tece histórias, para usar termos benjaminianos, a partir de têxteis residuais, desenvolvendo uma relação entre veste, corpo e memória, uma trama rica para a arte contemporânea (Cauquelin, 2005). Dessa forma, a partir de uma abordagem pós-duchampiana, a pesquisa defende como a artista costura seu papel na história da arte e se consagra como narradora contemporânea. Para afinar a relação entre roupa e memória, ainda, o trabalho aborda o texto de Peter Stallybrass (2007), explorando o conceito de vida social das coisas, o conceito de museus portáteis, proposto por Joana Bosak de Figueiredo (2009).

Palavras-chave: vestígios; narrador; Vera Chaves Barcellos.

